



**AMANDA DE OLIVEIRA CAETANO**

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA  
PERSPECTIVA DO CURTA-METRAGEM *VESTIDO NUEVO***

**LAVRAS – MG**

**2021**

**AMANDA DE OLIVEIRA CAETANO**

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DO CURTA-  
METRAGEM *VESTIDO NUEVO***

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciado.

**Prof.: Dr. Alessandro Garcia Paulino**

**Orientador**

**LAVRAS - MG**

**2021**

**AMANDA DE OLIVEIRA CAETANO**

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DO CURTA-  
METRAGEM *VESTIDO NUEVO***

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciado.

**APROVADA em quatro de novembro de 2021.**  
**Dr. Alessandro Garcia Paulino FAGAMMON**  
**Dra. Fernanda Barbosa Ferrari UFLA**  
**Dra. Livia Monique de Castro Faria FAGAMMON**

**Prof.: Dr. Alessandro Garcia Paulino**  
**Orientador**

**LAVRAS - MG**

**2021**

À minha mãe, pela amizade, cuidado, dedicação e por ser meu maior exemplo de coragem, força e fé.

Aos meus irmãos, pelo simples fato de existirem e tornarem minha jornada mais leve com apenas alguns sorrisos.

Ao meu pai, pelas palavras de sabedoria e amor, por acreditar em mim e apoiar todos os meus sonhos.

Ao meu padrasto, pela paciência, confiança e por estender a mão para que eu não esteja sozinha nessa caminhada.

Aos meus avós, por todo amor, carinho e incentivo.

Dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus por ouvir minhas preces e me capacitar nos momentos em que pensei que a conclusão deste trabalho não seria possível. Por toda a minha dedicação, esforço e comprometimento, agradeço a mim, por não ter desistido. Todavia, eu não teria forças para continuar sem o apoio financeiro, o amor e o estímulo de minha família, sobretudo minha mãe, Fabiana Oliveira, por ser meu alicerce e por sonhar esse sonho comigo. Logo, agradeço também ao meu pai, Ronaldo Caetano, pelos valores que me passou e por me encorajar a continuar essa caminhada. Ao meu padrasto, Márcio Marques, pelos inúmeros votos de confiança e estímulo. Aos meus irmãos, Rafael e Eduardo, por todo o amor e carinho. Agradeço aos meus avós, em especial aos ensinamentos e palavras de fé deixados pelo meu avô Alberito Leocadio (in memoriam), sei que em algum lugar ele está vibrando com a minha vitória. Às minhas amigas, especialmente as que trilharam comigo o mesmo caminho, Ana Flávia, Camila, Carla, Emanuele, Larissa e Laura, que tornaram essa jornada mais leve e tranquila. Igualmente, agradeço ao meu orientador, Alessandro Paulino, pela paciência, compreensão, atenção e disponibilidade para me ajudar no que foi preciso. À Universidade Federal de Lavras e ao corpo docente do Departamento de Educação, que me proporcionaram um ensino de alta qualidade. Por fim, agradeço a todos que de alguma forma cruzaram o meu caminho e contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Os meus singelos agradecimentos!

*“É hora de todos vermos o gênero como um espectro em vez de dois ideais opostos. Devemos parar de definir uns aos outros pelo que não somos e começar a nos definir por quem somos.” (Emma Watson)*

## Resumo

As relações de gênero são frequentemente mencionadas por diversos pesquisadores da área, no entanto, esse assunto ainda é tratado como tabu no âmbito escolar. Este texto tem como objetivo destacar as principais questões referentes às relações de gênero e sexualidade no espaço escolar e busca conceituar os termos os relacionando com o cinema por meio de uma análise crítica do curta-metragem “*Vestido Nuevo*”, a fim de constatar a relevância do cinema como elemento que favorece a discussão e o estudo sobre determinados temas. A metodologia deste trabalho é baseada na abordagem qualitativa e a pesquisa está referenciada em documental e exploratória. O procedimento metodológico utilizado foi uma busca por diversos filmes que tratavam sobre a temática. Além disso, foram utilizados referenciais teóricos, tendo como destaque três autores, Louro (1997), Foucault (1980) e Freud (1973), que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, bem como artigos relacionados com os estudos desses autores. A análise da película possibilitou uma reflexão acerca da necessidade da promoção de diálogos a respeito das discrepâncias encontradas e condicionadas para os sexos (feminino-masculino), e como isso determina as desigualdades no tocante ao gênero e uma revisão de como está sendo articulada a educação das crianças e jovens, no tocante as especificidades de cada gênero.

**Palavras-chave:** Cinema; Gênero; Educação.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 – Mario demonstra entusiasmo com o dia de Carnaval

Figura 2 – Os responsáveis transitam pela escola

Figura 3 – As amarras da sociedade representadas pelas coleiras

Figura 4 – Mario causa estranhamento

Figura 5 – A professora questiona a fantasia da criança

Figura 6 – Os comentários homofóbicos

Figura 7 – O pai de Mario chega à escola

Figura 8 – A professora encontra a fantasia de dálmata na mochila de Mario

Figura 9 – O diretor questiona o pai

Figura 10 – Mario conversa com Elenita

Figura 11 – A proteção do pai



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	12
<b>3. AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR</b> .....	13
<b>3.1 SEXUALIDADE</b> .....	14
<b>3.2 GÊNERO</b> .....	17
<b>4. ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE POR MEIO DA PERSPECTIVA DO CURTA-METRAGEM <i>VESTIDO NUEVO</i></b> .....	19
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	27
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	29

## 1. INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa de cunho teórico, propomos o estudo e a compreensão de conceitos das relações de gênero e da educação por intermédio do cinema e de suas potencialidades imagéticas. Entendemos, nessa escrita, que as imagens são construtoras de subjetividades e que suas análises corroboram para o entendimento de diversas temáticas a partir do olhar do/a telespectador/a.

Inicialmente, a pesquisa foi realizada a partir da busca em meios digitais de domínio público de longas ou curtas-metragens que abordassem as perspectivas das relações de gênero e que conseqüentemente pudessem alavancar problematizações sobre os sujeitos presentes no contexto educativo.

Mediante a uma extensa procura e visualização das obras selecionadas, propusemos alguns critérios de recorte, na intencionalidade de escolha no qual fosse possível uma análise produtiva frente ao tempo e as demandas burocráticas do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nesse sentido, escolhemos o curta-metragem espanhol (14 minutos) intitulado *Vestido Nuevo* (2008) produzido por Sergi Pérez.

Sua sinopse nos conta sobre a história de Mario que no dia de carnaval decide pôr um vestido de menina, para surpresa dos colegas e professores. Mediante a essa narrativa e durante os capítulos que seguem essa escrita, pretendemos realizar recortes intencionais para as discussões.

Isto posto, foram delimitados o problema de pesquisa e o objetivo geral. O problema de pesquisa se designa no seguinte questionamento: Quais as contribuições do curta-metragem *Vestido Nuevo* para as discussões das relações de gênero no espaço escolar?

Nesse tocante, o presente trabalho tem como objetivo analisar os sentidos imagéticos presentes no curta-metragem *Vestido Nuevo* (2008) acerca das relações de gênero e o modo como ela é abordada no contexto educativo.

A justificativa dessa pesquisa se insere na perspectiva de que as questões de gênero estão expressamente ligadas à maneira como as pessoas compreendem os distintos papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres de modo a impor um padrão e um conjunto de regras que determinam o comportamento masculino e feminino (Guimarães, 2010). A reflexão acerca da desmistificação de diferenças e preconceitos em relação a esses entendimentos é de suma importância, principalmente quando entendemos o

campo educativo como potencializador na desconstrução ou manutenção dos estigmas de gênero.

De acordo com Guimarães (2010) os discursos sexistas e binários estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, pregando existir certa relação entre o sexo biológico, o gênero e a identidade, de forma a impor características e funções para os corpos na sociedade, e como será tratado nesse trabalho, no ambiente escolar.

O cinema, portanto, é o meio onde as identidades de homens, mulheres e outras formas de identificação são representadas e construídas, e será por meio de uma observação e visualização da película que o trabalho mostrará como a discussão acerca das relações de gênero muitas vezes é silenciada na sala de aula. Para Turner (1997):

O cinema não reflete nem registra a realidade; como qualquer outro meio de representação, ele constrói e ‘re-apresenta’ seus quadros da realidade por meio dos códigos, convenções, mitos e ideologias de sua cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação. Assim como o cinema atua sobre os sistemas de significado da cultura – para renová-los, reproduzi-los ou analisá-los-, também é produzido por esses sistemas de significado (TURNER, 1997, p. 128-129).

Por esse motivo, o sujeito entende que possui apenas uma forma de existência no espaço escolar a partir do momento em que se sente obrigado a identificar-se com o gênero imposto pela sociedade. Maia; Navarro; Maia (2011, p. 141) enfatizam que “as discussões sobre gênero devem permanecer inseridas e ser problematizadas no campo educacional por meio de debates e de divulgação da produção científica”.

Para Bergala (2008) a escola pode ser um espaço rico de possibilidades onde os encontros com o cinema podem ocorrer (apud. Filha, 2020, p. 293).

Esse encontro seria algo ‘perturbador’, que produz questionamentos e desordem na instituição. O papel da escola, da professora ou professor é de possibilidades e de fomento para que a arte promova mudanças significativas na instituição e na vida das pessoas. Essa promoção de encontro com as várias possibilidades de interagir com a magia da arte é transformadora: incomoda, desestabiliza, comove, promove identificação e rejeição; instiga outras formas de ver, de sentir, de estar no mundo, bem como questionamentos e ainda produz outros olhares e novas formas de ser (FILHA, 2020, 293-294).

Para contemplar esses aspectos, o presente trabalho está organizado em introdução, metodologia, desenvolvimento, onde apresento uma discussão sobre as relações de gênero e

sexualidade no espaço na escolar, bem como uma análise destas relações por meio da perspectiva do curta-metragem *Vestido Nuevo*. Por fim, exponho as considerações finais.

## 2. METODOLOGIA

No presente trabalho, adota-se uma abordagem qualitativa, pois se baseia em diversas opiniões, resultados e descrições pré-existentes que não podem ser quantificadas, além de valorizar a importância da informação que pode ser gerada a partir de um olhar atento e crítico à fonte de documentação. Godoy (1995, p.21) afirma que na pesquisa qualitativa “o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes.” À vista disso, referencio tal pesquisa como documental e exploratória, em razão de obter ideias compostas por diferentes autores que contribuíram para o entendimento do assunto abordado, além da bagagem de experiências pedagógicas que o curso de Pedagogia me traz à procura de compreender como o cinema contribui para a reflexão das práticas docentes.

Logo, no que se refere à pesquisa documental, Helder (2006, p. 1-2) alega que “a técnica documental se vale de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor”. A partir disso, é possível concluir que diversos tipos de documentos são validados para estudo. Neste trabalho, destaca-se a relevância dos documentos de reprodução de som e imagem.

Nesse tocante, foi realizada uma busca minuciosa acerca de filmes que tratassem sobre as questões das relações de gênero no ambiente escolar. Dentre esses filmes, foi escolhido o curta metragem *Vestido Nuevo*, dirigido por Sergi Pérez, lançado no ano de 2008 e protagonizado por Ramon Novell, no papel de Mario. O curta evidencia as relações de gênero no espaço escolar a partir de um discurso heteronormativo quando no dia do carnaval, o qual a professora havia estabelecido uma determinada fantasia, Mario decide ir para a escola de unhas pintadas e usando um vestido rosa. Diante disso, a criança é ridicularizada pelos outros alunos.

O curta metragem analisado, *Vestido Nuevo*, tem duração total de 13 minutos e 42 segundos. Em um primeiro momento, foi assistido sem interrupção, e no segundo momento, após a análise, foi assistido novamente, totalizando 26 minutos e 84 segundos de observação de forma contínua. Além das observações sem interrupção, o curta também foi assistido com diversos momentos de pausas para que pudesse ocorrer uma reflexão e análise acerca das cenas selecionadas.

Por meio desse curta-metragem, foi elaborada uma análise correlacionando diversos autores que tratam o tema por meio de discussões realizadas a partir de recortes que nos levam a reflexão de alguns conceitos como gênero, sexualidade e heteronormatividade, como Louro (1997), Foucault (1980) e Freud (1973). Os critérios de escolha do curta selecionado estão relacionados a vários fatores: utilizá-lo como meio para compreender o universo das relações de gênero; o fato de o curta se basear em uma situação que acontece rotineiramente e a possibilidade de refletir sobre as relações de gênero no ambiente pedagógico.

### **3. AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR**

É comum que tenhamos a noção de que masculino e feminino estão em polos opostos e que só existem esses dois formatos enrijecidos e padronizados socialmente. À vista disso, apresentaremos neste capítulo os aspectos relativos à sexualidade e ao gênero em cunho escolar. Louro (1997) destaca a importância da escola nessa tentativa de trazer o discurso da pluralidade para dentro da sala de aula. Enquanto a sexualidade e suas diferenças, bem como a compreensão do gênero de forma ampla não fizerem parte do discurso do espaço educativo, tudo isso será motivo de estigmatização nos intervalos.

Essas diferenças de sexo e gênero são, portanto, produto de um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social exercido sobre os corpos e as mentes, um trabalho histórico de des-historicização, que inverte a relação entre as causas e os efeitos, e permite ver uma construção social naturalizada (os gêneros como *habitus* sexuais), como o fundamento *in natura* da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade, mas também da representação da realidade (BOURDIEU, 1999, p. 9-10).

Para retificar essa ideia, Louro (2003, p. 81), aponta que "a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz". Teixeira e Dumont (2009) afirmam também que escola exerce papel importante desde nossos primeiros anos de socialização. Para criar um ambiente propício às diversas construções de gênero, meninas e meninos devem viver e vivenciar situações de respeito à diversidade, seja ela cultural, de gênero, raça ou étnica. Os autores ponderam ainda que: "Neste ambiente, professores não teriam apenas a função de discipliná-los (as) ou funções de chefia. E a capacidade e disposição para o "cuidado" não seriam compreendidas apenas como algo inerente à mulher e ao feminino" (TEIXEIRA E DUMONT, 2009, p. 122).

Tratar de gênero e sexualidade em sala de aula não produz discentes mais sexualizados, pelo contrário, esse tema é de fundamental importância, pois possibilita que o sujeito conheça mais sobre si mesmo. No entanto, é importante frisar que esse assunto, assim como qualquer outro, não deve ser trabalhado da mesma forma para todas as faixas etárias. Felipe e Guizzo (2004) e Mott (1997) acreditam que “os/as professores/as não tiveram uma formação adequada para tratar de vários aspectos da sexualidade, principalmente em questões que envolvam as diferenças individuais na sua vivência” (apud Maia; Navarro; Maia, 2011, p. 28).

Dessa forma, percebemos que na escola as temáticas sobre gênero e sexualidade são discutidas ainda de forma biologizante, principalmente quando compõe conteúdos de algumas disciplinas, como, por exemplo, as funções do corpo humano, a reprodução, métodos anticoncepcionais e prevenção de doenças e infecções sexualmente transmissíveis. O assunto não é abordado a fim de construir uma compreensão do próprio corpo, dos desejos e do respeito, pelo contrário, são enfatizadas características biológicas de forma a naturalizar a relação dessas características com os comportamentos.

### **3.1 SEXUALIDADE**

A sexualidade abrange mais do que meramente o ato sexual, mas faz parte da personalidade e é composta por componentes físicos, emocionais e culturais. Portanto, normalizar a sexualidade do padrão heterossexual em detrimento de outras formas existentes é um reforço de preconceitos e verdades absolutas instituídas pela sociedade.

Para Michel Foucault (1926-1984), a história da sexualidade é a história do nosso discurso acerca da mesma. Por meio desse discurso, a sexualidade se constrói de uma maneira que possamos refletir e entender nosso corpo. O filósofo sugere ainda que a experiência ocidental da sexualidade não tenha a ver com a repressão, pelo contrário. Teixeira (2014, p.103) afirma que “a sexualidade, portanto, não é uma questão pessoal e íntima que foi reprimida, mas é social e política, já que a ideia de repressão foi criada como um discurso para instituir uma relação de poder”. A autora pondera ainda que o sexo sempre foi, na verdade, controlado. Essa manifestação discursiva cada vez maior é parte de um confuso aumento no controle pessoal, este que não ocorre por meio da rejeição ou proibição, mas por meio da produção, ao impor uma gama de definições às possibilidades do corpo.

Além disso, Foucault (1980) afirma ainda-que a sexualidade é uma invenção do século XVIII, momento em que à expressão do sexo e contatos corporais visavam à obtenção e produção de prazer. Ademais, o filósofo afirma que:

[...] não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder tenta pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico (FOUCAULT, 1993, p.100).

Sendo assim, o filósofo considera que a sexualidade não é um dado da natureza, mas o “dispositivo da sexualidade.” Este se trata de “uma rede trançada por um conjunto de práticas, discursos e técnicas de estimulação dos corpos, intensificação dos prazeres e formação de conhecimentos” (FOUCAULT, 1980, p.100).

Em tratamentos clínicos realizados em seu consultório, Sigmund Freud<sup>1</sup> (1856-1939) desenvolveu a teoria da sexualidade infantil a partir de observações feitas em pacientes adultos com transtornos psicológicos. Freud não buscava analisar e estudar o comportamento infantil, mas sim solucionar problemas emocionais manifestados por seus pacientes. No entanto, naquele período falar e estudar sobre sexualidade era considerado impróprio. Sobre essa questão, o médico aponta:

Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de sexual. Talvez a única definição acertada fosse tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo (FREUD, 2006, p. 309).

Isto posto, segundo Freud (1973), a sexualidade está presente na nossa vida desde o nosso nascimento até a nossa morte, se desenvolvendo desde os primeiros dias de nossa existência e manifestando-se de forma distinta em cada momento de nossas experiências. Partindo desse pressuposto, conforme o autor reitera, a sexualidade diz respeito a crianças e

---

<sup>1</sup> Compreendemos as diferenças teóricas entre os pressupostos de Freud e Foucault, principalmente no que tange a sexualidades. Nesse sentido, mais do que uma complementação a respeito das diferentes conceituações, propomos pensar nas contribuições específicas de cada autor de modo a listar as inúmeras possibilidades ao se trabalhar com a temática.

adultos, não sendo mais natural em um do que no outro. Falar de sexualidade não tem necessariamente uma relação com o termo relação sexual, muito pelo contrário, tratar de sexualidade é tratar de aspectos sócio-históricos, relações econômicas desiguais e principalmente desnaturalizar sentidos da natureza biológica.

Freud (2006) propôs o desenvolvimento sexual a partir das chamadas fases psicosexuais. Com bases nas ideias do autor, Costa e Oliveira (2011) explicitam como surge a sexualidade na primeira fase, denominada de “fase oral”:

[...] a sexualidade infantil surge ligada as necessidades orgânicas e acaba se apresentando auto erótica, procurando a satisfação de seus desejos em seu próprio corpo. Ao nascer, a criança possui em sua estrutura sensorial, a boca e os lábios como zonas erógenas mais desenvolvidas e é por meio dos lábios que ela experimenta os primeiros momentos de prazer (COSTA E OLIVEIRA, 2011, p. 6).

Costa e Oliveira (2011, p. 3) afirmam que para entender a sexualidade infantil, é necessário compreender primeiramente a diferença entre “sexo” e “sexualidade.” As autoras constataam que “enquanto o sexo é entendido a partir do biológico, remetendo-se a ideia de gênero, feminino e masculino, a sexualidade vai além das partes do corpo, constituindo-se como uma característica que está estabelecida e está presente na cultura e história do homem.”

Louro (2013) contempla a sexualidade como socialmente estabelecida e codificada, uma vez que acredita que as identidades sexuais e de gênero são moldadas pelas redes de poder da sociedade. A autora afirma que “as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais” (LOURO, 2013, p. 6). Logo, pondera ainda que:

A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza (LOURO, 2013, p. 5-6).

Por conseguinte, percebemos que, ao longo dos anos, ocorreram várias mudanças significativas na maneira que a sexualidade humana tem sido analisada. Na última década, uma vasta quantidade de pesquisas tem sido elaboradas nos diversos campos sociais, e, embora haja muito há ser feito ainda, essas pesquisas nos trazem certa expectativa sobre a



valorização das múltiplas culturas, identidades e sobre os as possibilidades de (des)construção sobre as teorias de gênero e sexualidade.

### 3.2 GÊNERO

Inicialmente, gênero dizia respeito apenas às diferenças biológicas, porém, essa maneira tornou-se extremamente limitante para o conceito, uma vez que este engloba um sistema de relações que não é diretamente determinado pelo sexo ou sexualidade. Assim, Louro (1997) evidencia que o conceito de gênero está estritamente ligado à história do movimento feminista. Para que essa afirmação faça sentido, é necessário contextualizar a história do movimento.

O feminismo torna-se um movimento social organizado, no ocidente, no século XIX. A “primeira onda” do feminismo aconteceu na virada do século, que foi marcada por manifestações contra a discriminação feminina, a qual teve grande visibilidade no chamado “sufragismo”<sup>2</sup>.

No entanto, foi na segunda onda - que iniciou no final da década de 1960 - que o conceito de gênero foi problematizado por meio do debate travado entre feministas, militantes e seus críticos. A autora afirma que “é nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurge” (Louro, 1997, p.3).

Assim, os estudos iniciais se constituem, muitas vezes, em descrições das condições de vida e de trabalho das mulheres em diferentes instâncias e espaços. Estudos das áreas da Antropologia, Sociologia, Educação, Literatura etc. apontam ou comentam as desigualdades sociais, políticas, econômicas, jurídicas, denunciando a opressão e submetimento feminino. Contam, criticam e, algumas vezes, celebram as "características" tidas como femininas (LOURO, 1997, p. 4).

Para compreender as relações de homens e mulheres na sociedade é necessário observar tudo que é construído sobre os sexos. Logo, é a partir dessa afirmação que o conceito de gênero se tornará destaque nos debates, embora no Brasil esse termo só começa a ser usado, de forma sutil, na década de 1980.

---

<sup>2</sup> Reinvidicação dos direitos femininos de votar e ser votada.

O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 7).

Para Britzman (1996), existem confusões entre os conceitos de gênero e sexualidade, quando, por qualquer razão, determinados corpos não conseguem facilmente “ser lidos”. Diante disso, pondera:

Estou chamando atenção, aqui, para aqueles corpos que são vistos como cometendo uma traição à "naturalidade" e, portanto, à normalidade do gênero e do sexo. A perturbadora questão "O que você é? Um garoto ou uma garota?" pode também significar "O que você é? Um gay ou uma lésbica?". O pressuposto universal - ao menos até que seja perturbado - é que "todo mundo" é, ou deveria ser, heterossexual e que a heterossexualidade é marcada através de rígidos binários de gênero (BRITZMAN, 1996, p. 76).

A autora também pondera que a escola, assim como outras instituições sociais, tenta adequar a criança ao gênero a que ela pertence, seja por meio de práticas educativas, do inculcamento de modelos estereotipados vigentes no aspecto social, pelas histórias, pelas brincadeiras, dentre outros.

De acordo com Louro (1996), o conceito de gênero veio contrapor-se ao conceito de sexo. Se este último se refere às diferenças biológicas entre homem e mulher, o primeiro diz respeito à construção social e histórica do ser masculino, feminino ou mesmo da não identificação e/ou reconhecimento com nenhum dos dois polos. Gênero se associa as características, a identidade e o processo de construção subjetiva pautada no aspecto relacional.

Ademais, Louro (1997) afirma a respeito dos discursos hegemônicos, de como se reproduzem com muita força nas aulas de Educação Física, onde o menino que gosta de esportes, e que se dá bem, é considerado o mais legal da turma. Contudo, a menina que se aproxima de um esporte é estereotipada, gerando certa desconfiança acerca de sua feminilidade. Já o menino que não gosta de jogar futebol, não atende a masculinidade esperada.

Por conseguinte, é interessante perceber o quanto existe infinitas possibilidades dentro do masculino e do feminino. Todavia, a sociedade e as relações de poder instituíram de acordo com seus interesses um determinado padrão extremamente reducionista, na qual

impede que o sujeito esteja em contato com experiências diversificadas devido ao medo do julgamento que se tem por aquilo que pode evidenciar.

Veiga (2001, p. 62) diz que “Se, por um lado, parece difícil compreender a dinâmica existente no interior das famílias e seus filhos, por outro, analisar as condições de trabalho da escola é também um problema que precisa ser muito refletido”. Para confirmar essa narrativa, o trabalho a respeito das relações de gênero na escola está dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), e deve ser abordado nas escolas como um tema transversal que perpassa pelos componentes curriculares como algo integrante do aprendizado e não como algo externo e sem sentido.

Segundo Menezes e Santos (2001):

Os temas transversais são temas que estão voltados para a compreensão e para a construção da realidade social e dos direitos e responsabilidades relacionados com a vida pessoal e coletiva e com a afirmação do princípio da participação política. Isso significa que devem ser trabalhados, de forma transversal, nas áreas e/ou disciplinas já existentes (MENEZES, SANTOS, 2001, s.p.).

Diante dos conceitos aqui apresentados, procuramos discutir as relações de gênero no ambiente escolar. Acredita-se que a análise do curta-metragem apresentado a seguir, possa ser mais coerente e que propicie uma reflexão acerca desse tema tão complexo, principalmente quando se trata da infância e âmbito escolar.

#### **4. ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE POR MEIO DA PERSPECTIVA DO CURTA-METRAGEM *VESTIDO NUEVO***

O curta-metragem espanhol *Vestido Nuevo* (2008), de Sergi Pérez, produzido em 2008, conta a história de Mario, uma criança que no dia do carnaval decide ir para a escola fantasiada com um vestido rosa.

Na primeira cena, nos deparamos com um cenário de sala de aula onde Mario está disposto à frente dos outros/das discentes, lendo o que supostamente seria uma produção de texto realizada por ele mesmo acerca do dia do Carnaval.

- Eu gosto muito do dia de Carnaval. É muito divertido porque nos disfarçamos e nos deixam vir sem farda. Nos vestimos como queremos... Eu gosto muito do dia de Carnaval.

Nessa fala, é possível perceber o determinado confronto ao método tradicional de ensino, onde a escola adentra as crianças para que estejam todos fardados, enfileirados e seguindo um padrão. Além do mais, Mario demonstra seu gosto pelo dia de Carnaval afirmando a possibilidade de poder sair de tais amarras e vestir-se como deseja. Partindo desse pressuposto, entendemos que esse desejo de se fantasiar como bem entender, vai muito além de uma simples vestimenta.

**Figura 1** – Mario demonstra entusiasmo com o dia de Carnaval



Na segunda cena nos deparamos com outro cenário, agora um pátio escolar. A voz do diretor ecoa pelos alto-falantes anunciando a comemoração do carnaval de verão no período da tarde e dizendo que as crianças deverão levar suas fantasias na bolsa. Nesse pátio, podemos perceber uma movimentação de mulheres e homens transitando pelo espaço, o que nos leva a supor que sejam os/as responsáveis pelos/as alunos/as. Louro (1997) preconiza que para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

**Figura 2** – Os responsáveis transitam pela escola



Em um terceiro momento temos as crianças voltando para a sala de aula sem uniformes e levando consigo suas bolsas. É também nesse momento que conseguimos perceber os discursos enraizados na sociedade quando as crianças começam a usar palavras como “viadinho” e “anoréxica” para ofenderem determinados colegas. Tais crianças apenas reproduzem os discursos de ódio pelos quais estão cercadas. Com a turma agitada, a professora entra na sala e pergunta para as crianças se elas levaram as fantasias na bolsa, logo após indaga se elas se lembram de qual raça vão se fantasiar, o que podemos identificar como um cachorro da raça dálmata pela resposta das crianças e pelo que a professora escreve no quadro. Em seguida, ela abre sua bolsa retirando coleiras que mais tarde entregará para as crianças a fim de completar a fantasia.

Essas coleiras muito dizem sobre as amarras pelas quais Mario virá a enfrentar. Em dia de Carnaval, onde essas crianças deveriam explorar sua criatividade e vontade de se fantasiarem como bem quiserem a escola dita até mesmo à fantasia que esses/as alunos/as irão usar. Essa coleira representa a dificuldade em mostrar-se como si mesmo dentro do ambiente escolar, bem como as regras ditadas e que deverão ser cumpridas.

**Figura 3** – As amarras da sociedade representadas pelas coleiras



A agitação da turma diminui drasticamente na quarta cena. Isso acontece em razão de Mario aparecer usando um vestido rosa enquanto pega seu material na mochila. Ele caminha até sua carteira sendo encarado por olhares carregados de preconceito, repulsa, curiosidade e inquietude. Ao sentar-se, Mario é indagado pela professora sobre o que estava fazendo, no entanto ele nada responde. A professora não consegue esconder sua indignação ao afirmar que Mario está vestido de menina, fazendo assim com que as crianças comecem novamente a reproduzirem os discursos e xingamentos homofóbicos contra Mario. Esses discursos, como já mencionados acima, são enraizados e pré-estabelecidos na sociedade. Nessa situação, o indivíduo não possui o direito de identificar-se com um gênero diferente do dele, pois já foi

imposto pela sociedade que apenas deve aceitar o que já fora pré-estabelecido, ou seja, o gênero do nascimento. Percebemos, então, que ali, no espaço escolar, não existe a possibilidade de se reinventar.

**Figura 4** – Mario causa estranhamento



**Figura 5** – A professora questiona a fantasia de Mario



Mário o que está fazendo?

**Figura 6** – Os comentários homofóbicos



Viadinho! Viadinho!

Com o intuito de silenciar a classe, a professora chama Mario para o lado de fora da sala, onde perguntou-o como conseguiu aquele vestido. A criança responde que conseguiu em casa. A professora lamenta dizendo que ele deveria estar fantasiado de 101 dálmatas, reforçando o argumento de que a escola, ao contrário do desejo de Mario, não permite que as crianças escolham por si mesmas a própria fantasia no dia de Carnaval.

Após esse momento, a cena é cortada e nos deparamos com Santos (uma das crianças que atacou Mario verbalmente em sala de aula) e Mario em um banco da escola e ao mesmo tempo com uma conversa entre a professora e o diretor. A professora afirma que Santos apavorou toda a classe, sendo indagada em seguida pelo diretor se Mario está bem. Ela responde que parece não ter nada de errado com o menino. Esse momento nos leva a diversas indagações: deveria haver algo de errado com essa criança além do constrangimento que ela passou? Por que é errado ele usar o vestido? É errado que ele extravase o seu desejo por meio de um modo de se vestir? Esses questionamentos nos ajudam a problematizar sobre componentes como as normalizações de gênero e a heteronormatividade.

Conforme citado por Miskolci (2009, p. 156) “a ordem social do presente tem como fundamento o que Michael Warner denominaria, em 1991, de heteronormatividade” para descrever a norma que toma a heterossexualidade como universal. Desde pequenos não nos faltam representações de como expressar a nossa sexualidade. Quando não é representada em casa, com o papel do pai e da mãe, é representada nos filmes, novelas, entre outros meios. Todas as formas de amor, carinho e afeto que temos em nossa sociedade, privilegiam a heterossexualidade. Para que a heteronormatividade exista é necessário que os papéis do homem e da mulher dentro da sociedade sejam bem definidos, isto é, é necessário delimitar muito bem o que é “coisa de mulher” e o que é “coisa de homem”. Desse modo, é possível estabelecer o padrão do qual as pessoas vão partir e no qual terão que se encaixar. Partindo desse pressuposto, a heterossexualidade deixa de ser somente uma orientação sexual e passa a ser um comportamento, uma norma, um padrão.

Os xingamentos que Mario ouviu de Santos é um reflexo do discurso heteronormativo da sociedade. Falar sobre sexualidade e gênero não quer dizer necessariamente falar sobre o que é certo ou errado, mas sim falar de possibilidades, vivências, experiências e desejos.

O diretor questiona a professora se ela deixou claro que a comemoração do carnaval era no período da tarde, ao mesmo tempo em que lhe pede para vestir Mario com o que ele tem na bolsa, pois, enquanto isso, terá uma conversa com o pai do garoto. A professora se dirige para a sala enquanto Mario continua cabisbaixo dividindo o mesmo espaço com Santos,

que ali parece representar uma figura de superioridade, o heterossexual que oprime os discursos das relações de gênero e das sexualidades. Logo em seguida, o pai de Mario entra em cena e, em um misto de surpresa, vergonha e susto, pergunta ao menino porque ele foi para a escola com o vestido de sua irmã, logo o convidando para se retirarem do local. A secretária se dirige ao pai dizendo que o diretor precisa conversar com ele. Imediatamente, o pai contesta: “Não entende que não vou deixá-lo vestido assim por mais tempo. Se ele já tem poucos amigos, não acho que assim vou ajudá-lo muito”.

Desse modo, após a narrativa do pai, podemos perceber uma criança que não possui amigos e que é reprimida por demonstrar seus desejos e fantasias, bem como um pai que pretende a qualquer custo tirar seu filho daquele espaço, tentando o proteger da humilhação sofrida. O pai se ajoelha de frente para Mario e, com um olhar firme, afirma que voltará logo, o que nos leva a supor que voltará para levar a criança consigo.

**Figura 7** – O pai de Mario chega à escola



Em uma conversa com o diretor, o pai é questionado se acompanhará Mario. Levando pelo lado literal da palavra, ele afirma que não acompanha, pois moram perto da escola. O diretor indaga se o pai sabia que a comemoração do carnaval era no período da tarde, nos levando a entender que Mario rompeu com duas regras: a de ir fantasiado no período da manhã e a de ir fantasiado de menina e não de dalmata, fato esse que nos leva a refletir se o problema era a escolha da fantasia ou se era o fato de não ter ido fantasiado de dalmata. Nesse momento, um corte de cena nos leva para a sala de aula onde a professora abre a mochila de Mario e se depara com a fantasia de cachorro dentro dela. Esse fato surpreende a docente ao concluir que ir de vestido rosa foi uma escolha do próprio garoto. Ao fundo da cena o diretor, intrigado, questiona o pai sobre o porquê de Mario ter se vestido de menina. O pai apenas responde que “ele gosta de se vestir assim”.



**Figura 8** – A professora encontra a fantasia de dálmata na mochila de Mario



**Figura 9** – O diretor questiona o pai



Na próxima cena, Elenita, colega de sala de Mario (e que podemos identificar mais adiante como amiga dele) chega ao local para fazer companhia para o colega. Mais uma vez, Santos reafirma a imagem de heterossexual que não tolera o outro ao dizer “é só o que faltava” quando percebe a presença da menina. Elenita possui um colete cervical que representa de certa forma os padrões corporais. O colete representa algo que deve ser “consertado”. Mario e Elenita demonstram certo tipo de afinidade e companheirismo com o diálogo a seguir:

Elenita: - O que está fazendo? Não pode se vestir de menina. É ilegal. Nem pode pintar suas unhas. Veja como todos se vestem.

Mario: - Mas em sua casa nós fizemos isso.

Elenita: - Sim, mas fora não pode. Os meninos não se vestem como meninas.

Mario: - É.

Mario: - Olha, eu pintei num minuto e ninguém me ajudou. Se quiser, eu posso te ensinar a fazer carinhas, animais, coisas e também flores coloridas.

Elenita: - Minha mãe me disse que ia comprar mais cores, mas ela me disse que é muito *hortera*.

Mario: - O que é *hortera*?

Elenita: - Acho que é aquilo que brilha.

Mario: - Pois eu gosto mais das coisas que brilham. É mais bonito.

Esse diálogo nos faz refletir acerca de várias questões. Ao afirmar que é “ilegal”, percebemos como está estabelecido que meninos se vistam de uma forma e meninas de outra, que meninos não devem pintar as unhas e que devem ser como a sociedade dita: másculos, insensíveis. Por outro lado, podemos observar como o indivíduo não possui a liberdade de ser quem quiser aonde ele quiser muito menos no ambiente escolar. Nesse diálogo, confirmamos que o ato de se vestir e pintar as unhas provavelmente aconteceu outras vezes, porém somente dentro de seu próprio lar, afirmando que o indivíduo só pode se identificar com gêneros diferentes dentro de sua própria casa, no espaço privado. Na rua, no espaço público, convivendo com outras pessoas e até mesmo em sala de aula, gera “espanto”, “apavoramento” sendo muitas vezes considerado até mesmo desrespeito e anormal.

**Figura 10** – Mario conversa com Elenita



Na cena final, o pai sai da sala do diretor atordoado. Vai de encontro ao filho e retira seu paletó, o colocando no corpo da criança ao mesmo tempo em que lhe encara com afeto e o estende a mão. O pai leva o filho para casa em seu colo como um gesto de proteção, deixando para trás o olhar carregado de preconceito de Santos, que chega a murmurar um xingamento.

**Figura 11** – A proteção do pai



Esse curta-metragem nos propõe uma reflexão acerca de como a escola não está preparada para lidar com questões de gênero e sexualidade. As discussões sobre gênero devem ser refletidas e problematizadas em campo educacional, para evitar a desigualdade no tratamento de meninas e meninos na escola. Para que isso ocorra, é necessário investir na formação dos professores nas temáticas supracitadas. Maia; Navarro; Maia (2011, p.41), afirmam:

A escola é um espaço ideal para o tratamento de questões polêmicas sobre a diversidade cultural e sexual, pois, além de ser um local onde as diferenças individuais são múltiplas e aparentes, é também um local onde o debate deve acontecer continuamente, com vistas à aprendizagem e à prática do pensamento crítico, promovendo entre todos os agentes escolares o convívio respeitoso e democrático.

Diante do que foi exposto, o curta em questão nos leva a analisar que os discursos homofóbicos e binários estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, pregando existir certa relação entre o sexo biológico, o gênero e a identidade, de forma a impor características e funções para os gêneros e a sexualidade na sociedade e, principalmente, no ambiente escolar.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O curta metragem *Vestido Nuevo* é capaz de levantar questionamentos acerca das relações de gênero e sexualidade no espaço escolar, por meio do desafio vivenciado pelo personagem Mario. Com o filme, Sergi Pérez mostra o quanto há a rotulação e desvalorização de quem foge do padrão heteronormativo. Apesar de ser uma temática que vem sendo muito discutida por pesquisadores e estudiosos da área, por meio da análise do curta metragem é

possível perceber como as relações de gênero no espaço escolar ainda envolvem muitos tabus, devido à falta de interesse, da informação, do preconceito, das dificuldades encontradas em abordar o tema nas escolas e a invalidação das crianças, que são “podadas” quando demonstram qualquer expressão de sexualidade.

A questão de gênero faz parte da construção social, cultural, psíquica e biológica e, infelizmente, sua influência ainda causa uma separação social entre homens e mulheres. Perante o exposto, o cinema tem se mostrado uma área importante para que as discussões sobre gênero e sexualidade sejam estabelecidas. Conforme Kamita (2017, p. 1396) “o discurso cinematográfico pode se constituir em um campo no qual se inserem alternativas a uma cultura tradicionalista e conservadora”. À vista disso, a autora argumenta ainda que a relação entre cinema, gênero e sexualidade direciona a busca para uma nova produção de sentido e questionamentos do senso comum em relação às atribuições dadas pela sociedade.

Assim sendo, é fundamental que a prática educacional seja repensada para que os docentes enxerguem as crianças como sujeitos que possuem vontades, curiosidades e saberes, que trabalhem com temas como “Educação para as Sexualidades e Gênero” e estejam sempre em harmonia com as necessidades das crianças. Larossa (1998) afirma que a relação entre docentes e discentes deve gerar novas experiências para ambos sem apropriação do que já se sabe, assim, o encontro de ideias e vivências será algo que acrescentará no aprendizado. Enxergar as crianças como seres contemplados com suas particularidades, com suas essências próprias, que se transformam, aprendem e ensinam é primordial para que se faça uma pedagogia humana e centrada no aluno.

## 6. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre (1999). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BRITZMAN, Deborah P.. “O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo”. *Educação & Realidade*, v. 21, n. 1. Porto Alegre, janeiro-junho de 1996, p. 71- 96.

COSTA, E. R. & OLIVEIRA, K. E. A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo. *Rev. Eletrônica do curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG*. 2(11) 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20332/19287>. Acesso em: abril. 2021.

FILHA, Constantina. Encontros com o cinema de animação e com crianças na produção de filmes sobre direitos humanos. *Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 13, n. 2, p. 291 – 311 – mai./ago. 2020*. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/44248> Acesso em: out. 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade, v. 1: A vontade de saber*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Madrid: Ed. Nueva, 1973.

FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

Godoy, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: set. 2021.

GUIMARÃES L.C. *Relações de Gênero e Sexualidade*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, 2010. Disponível em [http://monografias.brasilecola.com/pedagogia/relacoes-genero-sexualidade.htm#capitulo\\_1](http://monografias.brasilecola.com/pedagogia/relacoes-genero-sexualidade.htm#capitulo_1). Acesso em: out. 2021.

HELDER, R. R. *Como fazer análise documental*. Porto, Universidade de Algarve, 2006.

KAMITA, Rosana Cássia. *Relações de gênero no cinema: contestação e resistência*. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v.25, n. 3, p. 1393-1404, set./dez. 2017 . Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ref/a/9K8vXW7x9JxZxm8rFN8NC7c/?lang=pt> > . Acesso em: set. 2021

LARROSA, Jorge et al. *O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro*. *Imagens do outro*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 67-86, 1998.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. “Nas redes do conceito de gênero”. In: LOPES, M. J. D.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (orgs.). Gênero e saúde. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 32, p. 25-46, jun. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141469752011000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141469752011000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: mar. 2020.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete temas transversais. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/temas-transversais/>>. Acesso em: mar. 2020.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, RS, n. 21, maio 2009. ISSN 1807-0337. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/8863>>. Acesso em: set. 2021.

TEIXEIRA, A. B. M.; DUMONT, A. (Orgs.). *Discutindo relações de gênero na escola: reflexões e propostas para a ação docente*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2009.

TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *Projeto político-pedagógico: novas trilhas para a escola*. In: VEIGA, I. P. A.; FONSECA, M. *As dimensões do projeto pedagógico*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2001, pp. 45-66.

VESTIDO Nuevo. Direção de Sergi Pérez. Barcelona: Espanha: Escándalo Films, 2007.

VIGOTSKY, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.